

terpelado se havia ou não dito, durante a reunião dos governadores, quarta-feira, que o Brasil partiria para o confronto se não conseguisse dinheiro novo ou acordo com o Clube de Paris.

"Não é uma posição nem outra. Em primeiro lugar, a posição é de negociação, uma negociação que estamos fazendo há um ano e pouco, exatamente para não haver confronto. Num país como o Brasil não existe confronto e sim negociação que demonstre que o País está crescendo e tem que abrir espaço para o dinheiro novo, tem que abrir possibilidades para mantermos o Brasil com o nível de emprego que tem dado nos últimos dois anos, principalmente em 86. Isto chama-se negociação" — afirmou o ministro da Fazenda.

Funaro não respondeu se o presidente do Banco Central havia ou não obtido o dinheiro novo dos bancos credores em sua última missão aos Estados Unidos, alegando que "o dr. Bracher não foi pedir dinheiro novo em uma semana. Foi discutir um pouco. Preparar, tirar algum obstáculo para a negociação com o Clube de Paris. O que não se resolve em um dia, mas através de um processo de negociação".

SITUAÇÃO INTERNA

O ministro Funaro procurou mostrar que a situação interna tem melhorado. Quando questionado sobre a demissão de Bracher, afirmou que o boato era absurdo e demonstrou que a expectativa de inflação já caiu. No começo do mês, disse, a expectativa era tão elevada que levaram os juros a 800%. Graças a um trabalho intenso na segunda, terça e quarta-feira, segundo Funaro, essa taxa caiu a 500% e ainda com queda na Bolsa de Valores & de Futuros: "Na quinta e na sexta baixou mais de cem pontos e fechou hoje (ontem) com tendência de queda" — afirmou.

Dívida: Funaro quer limitar o pagamento

**BRASÍLIA
AGÊNCIA ESTADO**

O ministro da Fazenda, Dílson Funaro, revelou, ontem, que o Brasil vai propor ao Clube de Paris, na segunda-feira, o pagamento, este ano, de apenas "um bilhão e pouco" de dólares dos US\$ 3,4 bilhões de amortizações que deveria fazer em 1985, 86 e 87. Esta será a proposta brasileira aos governos que compõem o Clube, numa negociação em que o Brasil adotará uma proposta "dura", segundo o ministro.

Funaro negou a demissão do presidente do Banco Central, Fernão Bracher. Mas foi reticente quando in-